

# ABC do Caminho de Areia



... BOMBO E COELHO CAVALCANTI — PREÇO: \$1,00

A "Vila de Rui Barbosa"  
Se tornou uma coisa feia  
O pau comen de verdade  
Foi gente para a cadeia  
Cousa que nunca se via  
Vê-se hoje na Bahia,  
Lá no Caminho de AREIA

— B —

Bahia quêde os teus santos  
São Pedro, São Joaquim  
São Bento, Monte Serrata  
Nosso Senhor do Bomfim?  
Não és a terra sagrada?  
Como a dor é amargurada  
Desta gente assim assim?

— C —

Como disse o teu poeta:  
Pergunto agora Senhor  
— Onde estás que não responde  
Desta pobreza o clamor?  
Sei Senhor que elas erraram  
Mas elas se confiaram  
Em promessas de IMPOSTOR

— D —

Depois de mil sacrificios  
Vão ficarem assim em vão  
Oh! meu Senhor do Bomfim  
Tendes deles compaixão  
Que sofre concretamente  
Essa dor atroz pungente  
Vendo suas casas no chão.

— E —

É doloroso e bem triste  
A sorte dos invasores  
Queriam ter sua casinha  
Pobre dos trabalhadores  
Não refletiram é verdade  
Mas esta barbaridade  
Nos comove meus leitores.

— F —

Finalmente quem mandou  
Os pobresinhos fazer  
Suas casas num terreno  
Alheio para se ver  
Numa grande situação?  
Quêde? onde está o mandão  
Que não vem os socorrer?

— G —

Gente pauperrima que vinha  
Lutando para fazer  
Sua choupana e agora  
Como é que vai viver  
O sangue já está vertendo?  
Naquela vila correndo  
Sujeito ainda correr.

## H

Há um ditado bem certo  
 Que eu não canso de dizer  
 "Palavras se compra tudo"  
 Já chega de se fazer  
 Isto e aquilo em conversa  
 Por causa desta "promessa"  
 Nós acabemos de ver.

## I

Infelizes criaturas  
 Que não têm pra quem apelar  
 Neste mar de desventuras  
 Estão sujeitadas ficar  
 No alvêu desta amargura  
 Com um pé na sepultura  
 E o outro á mendigar.

## J

Já souo na BOA TERRA  
 A hora do "pau cantar"  
 O povo todo sofrendo  
 Neste supremo penar  
 E' doloroso leitores  
 Estes horríveis clamores  
 Sem ter para quem apelar

— K —

Quem mandou o nosso povo  
Fazer casa em invasão  
Foi o Governo leitores?  
Não leitores isto não!  
O culpado é o cataclismo  
O pobre vê-se em abismo  
Soírendo desolação.

— L —

Lá no "Caminho de Areia"  
O povo está revoltado  
Diz os donos do terreno  
Queremos ao nosso lado  
Tudo quanto nos pertencem  
Dizem os invasores: não pensem...  
O terreno é abandonado.

— M —

Mais o povo se revolta  
Vae o governo acalmar  
Um promete outro promete  
Nisto vê-se o "psu cantar"  
Quem paga são os invasores  
Eles os trabalhadores  
Que morrem de apanhar.

— N —

Nesta confusão imensa  
A cena é mais dolorosa  
Por isto caros leitores  
Vê-se a "Vila Rui Barbosa"  
Sofrendo este ostracismo  
Por causa do egoismo  
ou de uma ação criminosa.

— O —

O Governo não é culpado  
De tudo que aconteceu  
Povo proletário amigo  
Sinto o sofrimento teu  
Que Deus ouça os clamores  
Das vossas imensas dores  
Isto quem vos diz sou eu.

— P —

Proprietário ouvis  
Esta consideração  
Tendes dó destes coitados  
Vós que tendes coração  
Que tendes também um lar.  
Deixadem os pobres ficar  
Para não morrerem em vão.

## Q

Que também o digníssimo  
Governador do Estado  
Procure um meio possível  
Como é acostumado  
Socorrer toda gente  
Que vive completamente  
Lutando pelo um bocado.

## R

"Rui Barbosa" que é o nome  
Desta vila na verdade  
Que haja neste ambiente  
A concreta LIBERDADE  
Como mestre assim queria.  
Este filho da Bahia  
Que é o Guia da Humanidade

## S

Se os pobres invadirem  
Erraram, também errou  
Aqueles que os guiaram  
Agora pedir eu vou  
Senhor dotou Mangabeira  
So vossa imagem altaneira  
Tambem confiado estou.

— T —

Texia compaixão deutor  
Destes pobres, desgraçados  
Que lutam com sacrificios  
Estes operariados  
Cercados de filhos seus  
Podem ficarem aos alvéus  
Olhando para os sobrados?

— U —

Um povo aflito oprimido  
Só olha para o Senhor  
Sem a vossa proteção,  
São metralhados de dor  
Como cães em hidrofobia  
Que não se veja a Bahia  
Numa Alemanha Doutor.

— V —

Vejo semblantes tristonhos  
De homens, mulheres, meninos.  
Vendo seus pobres casebres  
Caidos em desatinos  
Por facas, sabres e facões  
Parecendo os furacões  
Desmoronando os destinos.

— X —

Xadrez não sofrem estes pobres  
Eu peço a vossa Excelencia  
Pois eles não são culpados  
Partiu só da "INTELIGENCIA"  
Da cabeça dos "vermelhos"  
Que vivem dando conselhos  
Para a desinteligencia.

— Y —

Yemanjá quêde vós  
Que és a encantada do mar?  
Porque não vem o' sereia  
Estas angustias calmar?  
Quêde Ogum? quêde Omulu?  
E quêde o tal do Exu'  
Que o "JOÃOSINHO" faz dançar?

— Z —

Zum, zum somente não se've  
O povo sofre aflicção  
Quêde os "pees dos operários"  
Autores da confusão  
Porque não arranjam dinheiro  
Para dá o "povo inteiro"  
Que agora tem precisão?